

Israel intensifica ações no Líbano enquanto avalia retaliação ao Irã

CRISE NO ORIENTE MÉDIO

ISRAEL COM O DEDO NO GATILHO

Autoridades prometem retaliar Irã, e resposta pode definir curso de guerra, dizem analistas

Após o ataque do Irã contra Israel na terça-feira, quando cerca de 200 mísseis foram disparados, analistas avaliam que o próximo movimento do Estado judeu tem potencial para determinar o curso da guerra. Diferentemente da ofensiva realizada em abril, quando Israel e aliados interceptaram quase todos os 300 mísseis e drones lançados pelas forças iranianas — numa investida que, apesar de superior em quantidade de projéteis lançados, foi amplamente considerada simbólica — agora a abordagem do Irã foi mais agressiva e com a intenção de enviar a mensagem de que pode causar danos significativos, dizem especialistas. Apesar disso, a expectativa é de que Israel esteja considerando ataques a alvos mais relevantes no território iraniano, como bases terrestres, petroquímicas e até mesmo instalações nucleares — mesmo sob risco de uma nova resposta do Irã e após o presidente dos EUA, Joe Biden, afirmar ser contrário a ataques a unidades atômicas do país.

O chefe do Estado-Maior de Israel, o tenente-general Herzi Halevi, alertou ontem que “temos a capacidade de alcançar e atingir qualquer ponto do Oriente Médio”, uma realidade de que os inimigos de Israel “entenderão em breve”, enquanto o premier Benjamin Netanyahu reuniu-se com autoridades de segurança para discutir as opções do país após manter conversas com Washington. Em meio às manifestações israelenses de que a ação não passará sem resposta, o chefe do Estado-Maior do Exército iraniano, general Mohammad Bagheri, ameaçou bombardear “todas as infraestruturas” de Israel. Já o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, insistiu que o Irã “não quer guerra”, mas que responderá se houver retaliação.

O Irã afirmou que o ataque de terça teve como alvos grandes bases aéreas israelenses, como Nevatim e Tel Nof. Ontem, as Forças Armadas israelenses confirmaram que várias bases foram danificadas, mas com a ressalva de que nenhum equipamento de combate, soldado ou aeronave foram atingidos. Além disso, cerca de 100 casas foram danificadas na cidade de Hod Hasharon por um míssil que caiu em uma área aberta, enquanto uma escola em Gederá, também no centro do país, sofreu um impacto direto.

**ALVOS CIVIS DANIFICADOS** Centros comerciais e carros de civis também ficaram danificados. Segundo relatado pela rede britânica BBC, uma cratera de 8 a 10 metros de profundidade foi vista ao norte de Tel Aviv. Se qualquer um dos quase 200 mísseis balísticos disparados tivesse atingido um prédio residencial, estúdio



Defesa burlada. Um morador caminha pelos escombros de prédios destruídos em Hod HaSharon, Israel, por um míssil iraniano: ataque maciço pode sobrecarregar sistema anti-aéreo, dizem analistas

esportivo ou um shopping center, diga rede britânica, poderia ter provocado dezenas — e possivelmente centenas — de vítimas. Embora Israel e seus aliados tenham inicialmente retratado o ataque como um fracasso, o fato de que uma parte dos mísseis conseguiu alcançar os alvos revela uma preocupação antiga das autoridades de segurança israelenses: a possibilidade de que um lançamento em conjunto de mísseis balísticos por parte do Irã, do grupo xiita libanês Hezbollah ou de qualquer outro grupo alinhado a Teerã possa sobrecarregar as defesas aéreas do Estado judeu e permitir que alguns foguetes escapem e atinjam áreas urbanas densamente povoadas.

**BIDEN MENOS INFLUENTE**

Ali Ahmadi, membro executivo do Centro de Política de Segurança de Genebra, disse que “o ataque do Irã em abril — que foi avisado com antecedência, permitindo sua interceptação por Israel e aliados — foi deliberadamente concebido para ser ineficaz, de modo a não escalar”, mas o sentimento no Irã é que foi tomado como um sinal de fraqueza.

“O Irã sentiu que tinha de desacreditar as defesas aéreas israelenses e americanas”, disse Ahmadi à rede americana CNN, acrescentando que, embora o ataque de terça-feira não deixado muitas vítimas, com exceção de um palestino morto na Cisjordânia, “estabeleceu que Israel pode ser obrigado a assumir custos sérios”.

Em abril, Israel estava preocupado que uma resposta intensa demais pudesse levar o Irã a ordenar que esses grupos, reunidos no que se chama de “Eixo de Resistência”, retaliassem de forma extensa. Na época, Biden pediu a Netanyahu que “aceitasse a vitória” da ausência de danos ou vítimas, e a resposta de Israel foi moderada. A mensagem, porém, foi

**DUAS SEMANAS DE ESCALADA**

Exército israelense combate adversários no Oriente Médio

- 1 Líbano** Israel aumentou ataques aéreos, matou líder do Hezbollah e iniciou incursão terrestre. Grupo xiita responde com foguetes e combate forças israelenses no sul do país
- 2 Gaza** Israel mantém bombardeios contra enclave controlado pelo grupo terrorista Hamas
- 3 Síria** Israel atacou Damasco por dois dias seguidos
- 4 Irã** Disparou quase 200 mísseis contra Israel, que promete retaliar
- 5 Iêmen** Os hutitas dispararam mísseis contra Tel Aviv. Ataques israelenses destruíram uma usina de energia e um porto

**Netanyahu recupera popularidade**

> Quando o Hamas lançou o pior ataque contra o território de Israel na História, em 7 de outubro do ano passado, o destino político do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu parecia selado. Ele sofreu um duro dano de imagem com o atentado terrorista, sendo diretamente associado à falha



Fonte: New York Times

de segurança. Sua queda parecia questão de tempo. > Quase um ano depois, com os militares israelenses combatendo uma guerra em duas frentes e os líderes dos grupos inimigos mais próximos de seu território mortos, o quadro se inverteu e tende a se manter favorável com uma possível retaliação israelense aos ataques do Irã na terça-feira. > Uma pesquisa de opini-

ão divulgada no domingo pelo Canal 12 da TV israelense apontou que se uma eleição fosse realizada neste momento, o partido de Netanyahu, o Likud, seria o mais votado do país, com uma estimativa de conquistar 25 cadeiras no Parlamento. O premier teria apoio de 38% da população. > O resultado da pesquisa indica uma forte recuperação em comparação aos piores momentos do confli-

to. Em levantamentos feitos logo após o atentado do Hamas, a estimativa era de que a sigla do premier poderia encolher para apenas 17 assentos, o que corria a esvaaziada coalizão de Netanyahu em uma situação crítica. — Os confrontos regionais são bons para Netanyahu — disse a analista israelense Dahlia Scheindlin, em entrevista à CNN. — Eles parecem claramente ser o fator contribuinte para sua recuperação. (Com NYT)

**‘MAIOR OPORTUNIDADE’**

O ex-premier israelense Naftali Bennett escreveu nas redes sociais que seu país estava diante da “maior oportunidade dos últimos 50 anos” para mudar o cenário no Oriente Médio, sugerindo que as forças do Estado judeu devem agir para “destruir o projeto nuclear do Irã” e suas “principais instalações energéticas”, atingindo “criticamente esse regime terrorista”. Embora Bennett não seja mais premier, sua posição reflete um sentimento crescente em Israel.

Os alvos militares mais óbvios são as bases que lançaram os mísseis balísticos na terça-feira, publicou a BBC. Isso inclui centros de comando e controle e instalações de reabastecimento. Em seguida, há os locais petroquímicos ou outros pontos que poderiam afetar significativamente a economia iraniana.

A estratégia atual do governo israelense, segundo análise da rede britânica, parece ser de duas frentes: eliminar seus inimigos por meio de assassinações e ataques aéreos e, em seguida, dissuadir — demonstrando ao Irã e aliados que todo ataque a Israel será respondido com força ainda maior.

Além disso, os EUA reforçaram sua presença militar no Mediterrâneo, sinalizando ao Irã que um ataque a Israel poderia implicar uma reação americana. De qualquer forma, um contra-ataque iraniano seria quase inevitável, com ambos os países perpetuando o ciclo de ataques e vinganças.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Mundo **Página:** 20